

O TURISMO EM ANGOLA

O caso específico da Planificação do Mussulo

livro
didáctico

MIGUEL FERNANDO

Prefácio de
PAULINO DOMINGOS
BAPTISTA



COPYRIGHT: © MIGUEL FERNANDO/MAYAMBA EDITORA, 2015

Colecção

Kunyonga

Título

O TURISMO EM ANGOLA – O CASO ESPECÍFICO
DA PLANIFICAÇÃO DO MUSSULO

Autor

Miguel Fernando

Prefácio

Paulino Domingos Baptista

Editor

Arlindo Isabel

Edição

Mayamba Editora, 2015

Rua Rio Cuango, n.º 16, Condomínio Vila Rios, Camama

Município de Belas – Luanda-Sul/Angola

Cx. Postal 34 62

E-mail: mayambaeditora@yahoo.com

Site: www.mayambaeditora.co.ao

Foto de capa e design

Carlos Roque

Impressão e acabamento

Caflesa-Soluções Gráficas Lda

1.ª Edição: Luanda, Julho de 2015

Tiragem

2.000 Exemplares

ISBN: 978-989-761-047-9

Depósito Legal: 7084/2015

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos filhos, Marcelino Pinto Fernando e Maria
Lucília Pinto Fernando, a minha mãe Maria Lucília Leite Faria
Baptista (Tudo para vós),

ÍNDICE

15 **PREFÁCIO**

Por Paulino Domingos Baptista

19 **CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO**

19 1.1. BREVE REFLEXÃO HISTÓRICA

20 A primeira viagem organizada

21 O hotel moderno

25 Turismo de massas

28 **CAPÍTULO 2. CONSIDERAÇÕES E FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

28 2.1 IMPORTÂNCIA DO SECTOR TURÍSTICO COMO FACTOR DE
CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

53 2.2. A ACTIVIDADE DO SECTOR TURÍSTICO E O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

100 **CAPÍTULO 3. EVOLUÇÃO DO TURISMO NAS DIFERENTES REGIÕES DO MUNDO**

100 3.1 O TURISMO MUNDIAL. REFLEXÃO SOBRE O TEMA

101 3.2 OS DESTINOS EM 2005

103 3.3 OS RENDIMENTOS ACTUAIS DO TURISMO 89

119 3.4 PREVISÕES A LONGO PRAZO SEGUNDO A OMT

121 **CAPÍTULO 4. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO SECTOR TURÍSTICO EM ANGOLA**

121 4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E POTENCIAL TURÍSTICO DE
ANGOLA

128 4.2 EVOLUÇÃO DO SECTOR TURÍSTICO EM ANGOLA

137 4.3 SITUAÇÃO ACTUAL DO SECTOR TURÍSTICO EM ANGOLA

142	4.4 IMPORTÂNCIA DO TURISMO COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO ECONÓMICO DE ANGOLA
-----	---

144 CAPÍTULO 5. SÍNTESE ESTRUTURAL DA ECONOMIA DE ANGOLA

144	5.1 ANÁLISE DA ESTRUTURA ECONÓMICA E POTENCIAL DE ANGOLA
160	5.2 O TURISMO COMO PASSAPORTE PARA O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DE ANGOLA
199	5.3 ANGOLA DOTADA DE RECURSOS TURÍSTICOS
218	5.4 A PROCURA E OFERTA TURÍSTICAS EM ANGOLA

231 CAPÍTULO 6. PLANO ESTRATÉGICO PARA COMUNIDADE LOCAL DO MUSSULO

231	6.1 O PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DO MUSSULO
251	6.2 COOPERAÇÃO ENTRE INICIATIVAS PÚBLICA E PRIVADA
266	6.3 APLICAÇÃO DA DAFO AO SECTOR TURÍSTICO DA COMUNIDADE LOCAL DO MUSSULO: RESULTADOS DA ANÁLISE MICRO E MACRO DO PROJECTO
277	6.4 MODELO DE SIMULAÇÃO DE UM PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA COMUNIDADE LOCAL DO MUSSULO
292	6.5 RECOMENDAÇÃO PARA O DESENHO DE UM MODELO APROPRIADO PARA A COMUNIDADE LOCAL DO MUSSULO

305 CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

305	7.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS
323	7.2 CONCLUSÕES

331 BIBLIOGRAFIA

345 ANEXOS

LISTA DE TABELAS

- 123 Tabela 1 – Estrutura sectorial do Produto Interno Bruto (em percentagem)
125 Tabela 2 – Benefícios gerados pelo sector da Hotelaria e Turismo na economia angolana em 2003
126 Tabela 3 – Força de trabalho empregada no sector da Hotelaria e Turismo na economia angolana em 2003
129 Tabela 4 – Chegada de turistas estrangeiros 1999 – 2001
130 Tabela 5 – Despesa total dos turistas estrangeiros
139 Tabela 6 – Principais ganhadores e perdedores com o turismo em 2003
145 Tabela 7 – Síntese demográfica
145 Tabela 8 – Indicadores económicos de Angola, 1998-2000..
158 Tabela 9 – Experiência COFIDES no país: projectos aprovados pelo COFIDES em Angola na fase de investimento
206 Tabela 10 - Angola: índices do tipo de câmbio real (Kwanza (Nz) / Dólar (US\$))
220 Tabela 11 – Chegada de turistas estrangeiros 1999 – 2001
220 Tabela 12 – Países limítrofes: Chegadas de turistas estrangeiros
221 Tabela 13 – Despesa total dos turistas estrangeiros (2001)
223 Tabela 14 – Quantidade de vagas em Hotéis e outros estabelecimentos, e percentagem de ocupação 1997 – 2001
223 Tabela 15 – Evolução da oferta segundo o nível de execução, 1997 – 2001
259 Tabela 16 – Evolução da procura: Comunidade local de Mussulo
278 Tabela 17 – Promoção, informação e difusão do turismo
279 Tabela 18 - Financiamento do projecto (segunda fase)
279 Tabela 19 – Distribuição do investimento
288 Tabela 20 – Cenário da distribuição salarial do projecto
291 Tabela 21 – Resumo da análise original e das simulações (Cenários propostos)

LISTA DE QUADROS

- 30 Quadro 1 – Conceito e diferença entre turista e excursionista...
204 Quadro 2 – Campanha de Promoção Internacional da Oferta Turística de Angola.
222 Quadro 3 – Quantidade de estabelecimentos de alojamento em Angola (1997 – 2002)...
225 Quadro 4 – Oportunidades de investimento estrangeiro em Angola em áreas específicas do turismo.

LISTA DE FIGURAS

- 119 Figura 1 – Chegadas de turistas internacionais, 1950-2020
233 Figura 2 – Representação gráfica do Plano Turístico
239 Figura 3 – Mapa de Luanda, distribuição da população por municípios e localização da Comunidade Local de Mussulo.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

AIEST – Associação Internacional de Peritos Científicos em Turismo.
ANGOTUR – Agência Angolana de Turismo.
BAD – Banco Africano de Desenvolvimento.
BEI – Banco Europeu de Investimento.
BM – Banco Mundial.
BNA – Banco Nacional de Angola.
BPC – Banco de Poupança e Crédito.
CDE – Centro para o Desenvolvimento Empresarial.
CESCE – Companhia Espanhola de Seguros de Crédito à Exportação S.A.
CITA – Centro de Investigação Turística de Angola.
COFIDES – Companhia Espanhola de Financiamento ao Desenvolvimento.
COMESA – Mercado Comum da África Oriental e Austral.
DINATUR – Direcção Nacional de Turismo de Angola.
ENDIAMA – Empresa dos Diamantes de Angola.
ENE – Empresa Nacional de Energia de Angola.
EUMED – Enciclopédia Multimédia Interactiva e Biblioteca Virtual de Ciências Sociais, Económicas e Jurídicas.
FEADER – Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural.
FESA – Fundação José Eduardo dos Santos.
FIEX – Fundo de Investimento no Exterior.
FITUR – FERIA Internacional de Turismo.
FMI – Fundo Monetário Internacional.
FNP – Fórum Natureza em Perigo.
FONPYME – Fundo para Operações de Investimento Externo de Pequenas e Médias Empresas.
ICEX – Instituto do Comércio Externo.
IETS – Instituto de Estudo do Trabalho e da Sociedade.
IIE – Instituto de Investimento Estrangeiro.
MIGA – Agência Multilateral de Garantia dos Investimentos.
MINTUR – Ministério do Turismo de Angola.
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.
OIT – Organização Internacional do Trabalho.
OMC – Organização Mundial do Comércio.
OMT – Organização Mundial de Turismo.
ONU – Organização das Nações Unidas.
OUA – Organização da Unidade Africana.
PAPI – Programa de Apoio a Projectos de Investimento.
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PRINVEX – Programa de Financiamento de Investimentos no Estrangeiro.
SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral.
SONANGOL – Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola.
WWF – Fundo Mundial para a Vida Selvagem.

PREFÁCIO

A obra académica e científica do Doutor Miguel Fernando descreve, na introdução, uma breve reflexão histórica, razões e justificativas para a elaboração do trabalho, usando objectivos de pesquisa, aspectos metodológicos e estrutura da pesquisa.

O primeiro capítulo pode testemunhar um trabalho similar à conta satélite do turismo, ressaltando em primeira instância a importância económica do turismo no âmbito dos factores de crescimento e desenvolvimento económico, gerador de divisas, emprego, despesa turística e receitas fiscais, bem como outros impactos relevantes do sector do turismo, resultante do mecanismo, de revitalização cultural e de comunicação. Em segunda instância o capítulo aborda a importância do sector do turismo no desenvolvimento sustentável, envolvendo o turismo na preservação do ambiente e a face oculta do turismo no impacto sobre o ambiente. A terceira a abordagem exemplifica o papel do turismo no desenvolvimento local no que respeita os efeitos negativos do sector sobre o desenvolvimento local e a relação dos gastos turísticos com nível dos preços locais. Uma quarta instância especifica os custos do desenvolvimento turístico, na base dos custos e benefícios das infraestruturas do sector, dos custos de formação na promoção do turismo e os custos de outra índole para a população hospedeira. As receitas da procura turística no mundo foi vista através da procura sustentada, dos destinos turísticos principais em 2005, das receitas do turismo internacional em 2005 e a previsão a longo prazo da OMT. A parte final deste capítulo destaca a evolução do sector turístico em Angola, demonstrando a sua ca-

racterização, o potencial turístico, a evolução do turismo, a situação actual do turismo e a importância do turismo para o crescimento económico de Angola.

O segundo capítulo a seguir trata das condicionantes económicas do desenvolvimento turístico de Angola, no qual faz uma análise da estrutura económica e de investimentos do País, destacando a dívida externa, a situação financeira, a autorização e/ou registo de investimento estrangeiro, a retenção de imposto sobre os rendimentos, o regime fiscal dos trabalhadores não residentes, os incentivos especiais para o investimento estrangeiro, as transacções do investimento estrangeiro mais significativas, os apoios financeiros para operações de investimento no País, na fase do investimento e no pós-investimento. A outra abordagem do capítulo refere-se o turismo como passaporte de crescimento e desenvolvimento económico de Angola, dissertando sobre os efeitos extraeconómicos do turismo, as derivadas da expansão turística segundo a característica estrutural do país anfitrião, a meta de desenvolvimento progressivo da actividade turística, a adequação da elaboração de projectos turísticos, o enriquecimento turístico de Angola, no quadro da competitividade do produto turístico nacional na relação entre o preço e produto turístico e a sua estrutura, assim como a procura e oferta turística do País, classificando-o como produto “Angola”.

O terceiro capítulo é um estudo caso, referindo-se ao plano estratégico de desenvolvimento turístico do Mussulo, uma localidade com referências turísticas naturais invejáveis, que nesta obra detalha-se por um enquadramento económico do turismo para o local, na base de um marco conceitual da conta satélite do turismo, turismo na economia: actividade, sector ou indústria? Ainda enfoca a procura e a oferta, assim como o enfoque do desenvolvimento económico por meio de enlaces. Numa outra vertente o plano estratégico de desenvolvimento do turismo para o Mussulo trata a importância do

planeamento turístico, do modo de conduzir o plano, por objectivos e prioridades do plano, as justificações do plano estratégico, a localização e potencial da comunidade do Mussulo e a abordagem metodológica do plano estratégico. Pode-se encontrar neste capítulo a cooperação entre as iniciativas pública e privada, na qual demonstra-se a situação actual, o perfil da procura turística da comunidade do Mussulo, o ordenamento do território, a melhoria das infraestruturas e a formação e qualificação dos recursos humanos. A última parte do ponto analisa a micro e macroeconomia do projecto do modelo DAFO, aplicado ao sector turístico da comunidade do Mussulo em que se estende as oportunidades para o mercado turístico da comunidade do Mussulo, as ameaças provenientes do ambiente competitivo, os pontos fortes do sector turístico no Mussulo, as debilidades da comunidade do Mussulo como destino turístico e simulação de um projecto de desenvolvimento turístico na comunidade do Mussulo, referindo-se as considerações gerais, aplicação de modelo em que simula-se o modelo, analisa a macroeconomia do projecto com resultados, bem como análise dos efeitos do projecto sobre os salários, simulação do impacto do projecto no PIB nacional, bem como as recomendações para a concepção do modelo adequado para a comunidade do Mussulo, extraindo lições possíveis da experiência espanhola, finalizando com a análise dos resultados e elementos-chave do plano estratégico para a comunidade local do Mussulo

O último capítulo refere-se às considerações finais, onde aborda-se as restrições ao desenvolvimento do turismo local, o processo da planificação local de desenvolvimento do turismo, a perspectiva de Angola como destino turístico para os próximos anos, o desenvolvimento de um produto turístico de Angola, a situação do sector turístico angolano e capacidade de desenvolver-se, a alternativa do turismo ao desenvolvimento de outras opções com a acção da sociedade civil na integração da política turística na polí-

tica económica nacional e a política turística como condição para o desenvolvimento.

Todo o trabalho técnico-científico e pedagógico encerra com uma conclusão e esta brilhante obra não foge a regra. Termino aconselhando aos usuários desta obra que retirem minuciosamente todos os ensinamentos que contém para desenvolver o turismo no Mussulo, em Luanda, em Angola, em África e no Mundo.

Bem Haja

LUANDA, A 30 DE JULHO DE 2014

Paulino Domingos Baptista “Mulele”

Secretário de Estado da Hotelaria

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Breve reflexão histórica

O turismo de massas (Lickorish e Jenkins, 2000) é um fenómeno típico do mundo desenvolvido gerado após a II Guerra Mundial. Anteriormente, verificaram-se certas manifestações ao longo da história, e ainda que de forma rigorosa não possam ser catalogadas como turismo, são muito semelhantes em alguns casos. Uma das primeiras manifestações desta classe de turismo foram as viagens frequentes a fontes termais, centros de atracção de um fluxo incipiente de pessoas em busca da saúde perdida. Estes centros eram famosos nas antigas civilizações, tendo também sido muito populares durante o império romano. Mais tarde, muitas dessas fontes foram convertidas, após a cristianização, em lugares de peregrinação, semelhante a uma motivação religiosa. Inclinação determinante, durante muitos séculos, foram as viagens a centros de peregrinação como Roma, Jerusalém ou Santiago de Compostela, destino de milhões de pessoas, motivo por que se criou uma primitiva infra-estrutura para alojamento e manutenção destes movimentos. Numa escala mais modesta, as romarias também podem ser consideradas um antecedente do turismo, ainda que neste caso se tratasse de viagens curtas, com estadias de poucos dias.

Além destas viagens de motivação religiosa, temos também uma multiplicidade de exemplos, ao longo da história, de pessoas que viajavam por puro prazer, para obterem novas experiências e conhecimentos, ainda que o seu número fosse reduzido e as viagens isoladas, e não

se possam considerar turistas, que só apareceram no séc. XIX, graças às viagens de prazer organizadas.

Este trabalho de investigação centra-se no **Estudo e Análise da breve história do sector turístico em Angola, no seu estado actual de desenvolvimento e na apresentação de um plano estratégico de desenvolvimento económico local do turismo na província de Luanda**. Em concreto, da comunidade de Mussulo, já que esta província representa 90% do rendimento total do sector turístico nacional. O plano é apresentado como uma simulação de uma estratégia de crescimento sócio-económico e sua possível aplicação no desenvolvimento político-económico de Angola.

A primeira viagem organizada

O pioneiro do turismo foi o britânico Thomas Cook, que organizou a primeira viagem no dia 5 de Julho de 1841. Nessa data, 570 pessoas deslocaram-se da cidade de Leicester até Loughborough, numa viagem de ida e volta para assistirem a um congresso de abstmios. Thomas Cook, que na época trabalhava para uma editora da Igreja Baptista, organizou a deslocação com a companhia ferroviária, pagando as despesas do seu bolso, cobrando depois uma tarifa a cada um dos viajantes. Perante o êxito da iniciativa, continuou a organizar viagens a diversos congressos, criando mais tarde as primeiras ofertas de viagens de lazer, em que a motivação dos viajantes era desfrutar da própria deslocação (Muñoz de Escalona, 2003).

O turismo surgiu graças à disponibilidade de meios de transporte eficientes e relativamente rápidos, como o caminho-de-ferro, que à época conhecia um forte desenvolvimento e facilitava comunicações rápidas e seguras, sem esquecer os barcos de transporte de passageiros. Tal foi o sucesso da fórmula criada por Thomas Cook, que ainda em 1851 este conseguiu transportar de forma organizada 165.000